

DESENVOLVIMENTO PERFORMÁTICO E RECURSOS ESTÉTICOS: ESTRATÉGIAS PARA CONQUISTAR A AUDIÊNCIA NO PROGRAMA *COMO SERÁ?* DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO¹

Maria de Lurdes Welter PEREIRA²

RESUMO

O artigo tem por finalidade analisar o aspecto performático adotado no telejornalismo da TV aberta brasileira, tendo como objeto o Programa *Como Será?* da Rede Globo de Televisão, que absorveu os assuntos de divulgação científica do Programa *Globo Ciência*, extinto em agosto de 2014, depois de três décadas no ar. Também avalia os elementos estéticos da nova produção, tais como, acessórios, ilustrações gráficas e os efeitos visuais proporcionados pelo uso da tecnologia. Questiona-se ainda a coloquialidade da linguagem, como uma das estratégias para seduzir a audiência. Entre os teóricos que ajudam a embasar a reflexão, estão Raymond WILLIAMS (2011), Muniz SODRÉ (1996), Arlindo MACHADO (2005) e Paul ZUMTHOR (2007).

Palavras-chave: Telejornalismo. Divulgação Científica. Jornalismo Científico. Televisão.

1. INTRODUÇÃO

Com o aumento dos aparatos tecnológicos que facilitam, modernizam e, ao mesmo tempo, agilizam a comunicação, as emissoras de TV abertas estão em permanente busca por novos formatos comunicacionais. A televisão, que de acordo com Raymond Williams (2011), nasceu da reconfiguração de outras formas de comunicação, como a sala de aula, a reunião pública, o jornal, o teatro, o cinema, as atividades desportivas, a publicidade e os *outdoors*, passou a se reinventar com frequência na contemporaneidade. Vem criando novos mecanismos para atrair o público, que dispõe de variadas possibilidades de acesso à informação, entretenimento e formas de comunicação, porém de acordo com Williams, “raramente essas mudanças produzem uma inovação absoluta” porque são adaptações de formas culturais herdadas (WILLIAMS, 2011, p.97). Neste sentido, outros dois pesquisadores, Marialva Barbosa (2013) e Muniz Sodré (1996) afirmam que os processos comunicacionais estão em permanente transformação.

O objeto de análise neste artigo parece se enquadrar no que preconizam os três pesquisadores. O programa *Como Será?*, da Rede Globo, que vai ao ar aos sábados entre 06:30 h e 09:00 h (dependendo da Região começa às 07:00h), é uma reconfiguração dos cinco

¹ Trabalho inscrito para o GT de Comunicação e Cultura do Encontro de Comunicação ENPECOM, 2015.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, na linha de Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais. E-mail: lurdes@ufpr.br.

programas do *Globo Cidadania*, entre os quais o *Globo Ciência*, que durante 30 anos atuou na divulgação científica veiculando resultados de pesquisas de ciência e de tecnologia e reportagens sobre a aplicação destes estudos. O novo programa segue o formato de revista eletrônica³, com vários quadros específicos voltados para questões de cidadania e de educação. Quanto aos textos, a atração adota uma linguagem informal e descontraída, como informa o diretor de conteúdo, Maurício Yared (2014), no vídeo sobre os bastidores da primeira gravação. Yared explica também que os conteúdos das mídias sociais passaram a ser tão importantes, que a televisão se apropriou dessas informações e começou a trabalhar os conteúdos em outro formato. O diretor do programa diz ainda que:

[...] tem muita coisa bacana acontecendo nas redes sociais e com essas novas mídias e, por que não trazer essas ideias bacanas para dentro da televisão. Aí surgiu a ideia de criar um programa para curtir e compartilhar experiências (YARED, 2014).

O que se vê é a mídia tradicional aproveitando os conteúdos divulgados nas novas mídias e realizando adaptações. É o que Lucia Santaella (1996), classifica como fator de mobilidade, quando “uma mesma informação passa de mídia a mídia, repetindo-se com algumas variações na aparência” (1996, p. 35). O programa *Como Será?* conta com cenário tecnológico, com telões que reproduzem efeitos visuais, utiliza de recursos gráficos, trilhas e efeitos sonoros nas reportagens. As imagens e entrevistas são captadas em tecnologia digital. Outro recurso moderno é a interatividade através da exibição de textos e dúvidas ou comentários, gravados por *smartphones* e enviados pelo público. Fotografias tiradas por telespectadores são mostradas no cenário e em cada programa há convocação para que a audiência participe, enviando suas questões para a edição seguinte.

1.2 AS ENCENAÇÕES COMO ESTRATÉGIAS PARA MANTER A AUDIÊNCIA

A apresentadora, a jornalista Sandra Annenberg, recorre a técnicas poéticas e de representação teatral para contextualizar muitas das reportagens. Na edição do dia 27 de

³ O gênero revista, vinculado à categoria de entretenimento, pressupõe um apresentador em estúdio que introduz os assuntos em diversos formatos (ao vivo ou gravados) como entrevista, reportagem e videoclipe, que garantem a multiplicidade de assuntos e informações. Souza (2004), classifica 37 gêneros informativos, dos quais selecionamos apenas as categorias entretenimento, informação e educação, compatíveis com esta pesquisa (SOUZA, 2004, p.174-175).

dezembro de 2014, ao som de uma valsa, dança alguns passos no estúdio enquanto fala sobre o sonho e o *glamour* de adolescentes com as festas dos 15 anos, lembra a tradição de dançar valsa com o pai, avô e padrinho e emenda o saudosismo ao tempo presente. Em seguida, com música eletrônica e luzes coloridas piscando, a jornalista muda o ritmo da encenação, aumenta o tom de voz e a intensidade da fala, para dizer que “hoje as jovens preferem músicas mais agitadas e mais tecnologia”. A representação que dura um minuto, é sobre uma reportagem que mostra os modernos recursos tecnológicos utilizados nas festas de 15 anos. A figura abaixo mostra a apresentadora dançando valsa no estúdio.



FIGURA 1: JORNALISTA DANÇA PASSOS DE VALSA. *COMO SERÁ?*.27/12/2014.
FONTE: REDE GLOBO

No mesmo dia é mostrada uma produção sobre os recursos tecnológicos das festas de casamento e ocorre uma nova representação no estúdio, desta vez, ao som da marcha nupcial. A jornalista chega a jogar um buquê de flores na direção da câmera, ao chamar a reportagem sobre os preparativos e, em seguida, uma festa de casamento. A figura 2 mostra a apresentadora com o buquê.



FIGURA2: JORNALISTA COM BUQUÊ DE NOIVA. *COMO SERÁ?* 27/12/2014.
FONTE: REDE GLOBO.

Em outra edição a jornalista inova de novo ao convocar o telespectador a fechar os olhos, movimentar-se e imaginar como seria o mundo no escuro. Trata de mais uma encenação para anunciar a reportagem que explica um *software* de comando de voz desenvolvido para pessoas cegas. A cada programa percebe-se um novo simulacro, como andar de bicicleta, com a finalidade de preparar a audiência para o *videotape* sobre a importância dos exercícios físicos e atividades em parques.



FIGURA 3: JORNALISTA ANDA DE BICICLETA NO ESTÚDIO
FONTE: REDE GLOBO.

Cabe observar que a narrativa informal não se dá apenas na apresentação, mas as reportagens seguem a mesma linha em praticamente todos os quadros do programa, unindo informação e entretenimento e, assim, transformando notícias em eventos. Os aparatos utilizados em estúdio para ilustrar os assuntos, bem como a performance desenvolvida pela apresentadora, podem levar a crer que estamos diante de um espetáculo televisivo.

1.2 TEATRALIZAÇÃO JORNALÍSTICA

Ainda sobre a forma de apresentação do *Como Será?*, fica evidente a preocupação da TV em se aproximar cada mais do senso comum por um lado e, por outro, chamar a atenção da audiência, buscando outras linguagens e outros formatos, sugerindo proximidade com o público. Nesta linha de pensamento, Muniz Sodré (1996), afirma: “é viável que a hipótese dessa teatralização jornalística do mundo se deva ao fato de que as palavras venham perdendo na contemporaneidade o seu poder de referência”. Sodré vai além e diz que:

[...] os acontecimentos já não possam mais ser apresentados pelo jornalismo como um ponto de interseção entre um fato real e a informação. Excitam-se, como na histeria, as virtualidades imaginárias do fato: palavras e acontecimentos multiplicam-se, inflacionam-se eletronicamente até um estado de redundância, comparável à metástase celular, que danifica o sentido do sistema (SODRÉ, 1996, p. 150).

Mas Sodré também justifica a necessidade que o profissional de televisão tem, em chamar a atenção do público, criando fatos e formas inovadoras. Acredita que “a realidade social dos indivíduos no mundo contemporâneo é construída por fatos noticiosos, ou seja, por acontecimentos jornalisticamente interpretados e, portanto, transvalorizados”. Desta forma, “a notícia converte-se, assim numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora do real” (SODRÉ, 1996, p. 133). O autor define o texto informativo seguido de interpretação, como sendo uma “notícia de criação, às vezes trocando o empenho da verdade pelo da verossimilhança, experimentando novas formas de narração e linguagem” (SODRÉ, 1996, p.148). Neste sentido, entende-se que o programa *Como Será?* é apenas um exemplo da busca do telejornalismo por formatos que privilegiem a descontração e também, pode representar a influência dos programas de entretenimento no jornalismo.

1.3 DESLUMBRAMENTO

Outro aspecto a ser considerado sobre o que chama de notícia de criação, Sodré (1996), entende que “o espetáculo informativo pode levar a audiência a ficar deslumbrada com o que assiste”. Outro autor a estudar a representação da notícia, Algirdas Greimas (2002), acredita que “o deslumbramento atinge o sujeito e transforma sua visão, mas pode ser

um relâmpago passageiro” (GREIMAS, 2002, p. 26). Afirma também que mesmo que “na estética haja um experimentar lúdico e desinteressado, a manipulação do jogo é, para o leitor (e para o telespectador), uma forma de ser apanhado pelas regras que o fazem estar no jogo”. Greimas destaca ainda que “o jogo artístico inicia o leitor, transforma-lhe a identidade, incluindo-o em sua realidade” e define essa nova realidade “como tudo o que for assim transformado” (GREIMAS, 2002, p. 105).

No programa de 25/10/2014 a jornalista Sandra Annenberg utiliza a escultura de um crânio para lembrar um dos principais personagens da peça Hamlet de Shakespeare, *Yorick*, representado por uma caveira e, assim, falar da reportagem sobre uma peça de teatro, em cartaz em São Paulo. Em pé no estúdio do programa declama:

[...] Ser ou não ser, eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma, pedradas e flechadas do destino feroz, ou pegar em armas contra o mar de angústias e combatendo dar-lhe fim. E aí como foi o meu Hamlet? (*Como será?* 2014)

Após declamar o texto de Shakespeare, a câmera mostra a caveira em detalhe, e a apresentadora pergunta: gostou? ouve-se uma voz oculta pronunciando “ah”. A jornalista responde em seguida, “hum, acho que ele não gostou muito não, heim”. E prossegue...

[] esse trequinho que eu tentei interpretar para vocês é de uma das peças mais famosas do dramaturgo inglês William Shakespeare, que escreveu obras primas como Romeu e Julieta. Você sabia que este texto do Hamlet é do final do século XVI. Olhe! Faz mais de quatro séculos! Não é incrível? É! (COMO SERÁ? 2014)

Ainda com a escultura nas mãos e desta vez a câmera mostra em detalhe, a jornalista afirma:

[] Ele também acha que é incrível óh. O teatro tem esta magia de ser atemporal, de existir para sempre, de mexer com a nossa imaginação, com a nossa emoção. Existe para nos divertir e para nos educar. Então que tal irmos junto ao teatro. Se ajeita aí na poltrona que hoje é dia de teatro heim! Vamos lá, vamos juntos (conversa com a caveira). (*Como Será?* 2014)



FIGURA 4: JORNALISTA RECITA TRECHO DA PEÇA HAMLET DE SHEKESPEARE.
FONTE: REDE GLOBO

Para Greimas (2002, p. 88) pouco importa se o discurso utiliza-se de metáforas de ordem poética ou musical, pois “trata-se sempre de nossa pobre vida cotidiana e dos diferentes meios de nela introduzir fraturas”. Cabe aqui refletir o que o autor entende por fraturas. Seriam as descontinuidades que irrompem no contínuo da existência para fraturá-las e produzir sentido (TEIXEIRA, 2002, p. 258). No programa *Como Será?* a interpretação de textos informativos, pode ter diversas conotações, como: criar novo estilo de telejornalismo, atrair público, dar dinamicidade e ao mesmo tempo leveza e alegria ao programa que, com duas horas de duração, precisa surpreender a cada reportagem ou, como afirma Greimas, criar uma nova regra para o jogo estético (2002, p. 88).

Paul Zumthor (2007) destaca uma convergência profunda entre performance e poesia, “na medida em que ambas aspiram a qualidade do rito” (ZUMTHOR, 2007, p. 45.) Assim, como trata de condições de expressão e percepção, performance também designa um ato de comunicação e refere-se a um momento tomado como presente. Dessa forma, o autor entende que a performance existe apenas enquanto dura a encenação ou o processo de ritualização da linguagem e, por isso, afirma que “a performance é um momento de recepção, momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido” (2007, p. 50). Ainda de acordo com Zumthor, “na situação performancial, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília” (ZUMTHOR, 2007, p.68).

2. A TV AINDA TEM A ORALIDADE COMO PONTO CHAVE

Apesar de os recursos tecnológicos, que permitem a captação e exibição de imagens com qualidade cada vez melhor, proporcionando efeitos visuais que fascinam, é necessário destacar a importância da oralidade na televisão. Para MACHADO (2005, p. 72), a TV continua oral, como nos primórdios. O autor entende que grande parte da programação depende da oralidade, como “o depoimento, a entrevista, o debate, o discurso do âncora, que constituem as formas mais baratas de televisão e aquelas que oferecem menos problemas para a transmissão direta ou para o ritmo veloz da produção” (MACHADO, 2005, p. 72). Por outro lado, Machado afirma que a TV desenvolveu diversas formas de diálogo como a entrevista, a mesa redonda, o debate, ou o monólogo, este último “pressupõe algum tipo de interlocução com o telespectador”.

Machado cita Bakhtin que relaciona o diálogo como um gênero do discurso na Grécia antiga, a partir do método estabelecido por Sócrates. Este “colocava as pessoas umas diante das outras e as fustigava ao debate”, fazendo com que emitissem opiniões de forma clara (MACHADO, 2005, p. 73). A clareza, de acordo com Machado vinha do diálogo e da consideração da ponderação dos outros. Para o autor, a TV vive a segunda fase da oralidade, agora mediada por tecnologia e sobre o modelo dos telejornais, Machado (2005, p. 107) questiona a utilização de recursos narrativos da ficção audiovisual como trilhas, que podem mascarar a situação de mediação com o público. O mesmo no entender do autor, ocorre quando são realizadas encenações com atores, para simular determinados acontecimentos. Vale observar que em se tratando de televisão, são realizadas interpretações diferentes para cada tipo de informação que se quer transmitir.

3. O LADO PERFORMÁTICO DO *COMO SERÁ?*

Ao andar de bicicleta no estúdio, recitar um texto de Shakespeare e dançar, a jornalista, como afirma André Brasil (2014), além de representar e de figurar, produz imagens que demonstram formas de inventar e produzir formas de vida (BRASIL, 2014, p. 133). Para o pesquisador, a imagem traz uma dimensão, “um corpo se expõe e ao se expor cria uma situação no qual se expõe e, ao se expor, cria uma situação na qual se expõe, não sem, no mesmo gesto, criar-se a si mesmo” (BRASIL, 2014, p. 134). Por isso “uma forma aparece e ganha outra forma. O exemplo pode ser aplicado no momento em que a apresentadora do *Como Será?* recita um texto de quatro séculos na televisão em um programa que divulga

assuntos relacionados com a educação, a ciência, a natureza e a cidadania. Brasil tem diversas definições para a performance, praticamente todas aplicáveis ao programa em análise, como a introdução ou a mistura da ficção, com fatos reais.

[...] Entre a realidade e a ficção está o corpo em performance que se reinventa, se cria, enquanto se performa. Um corpo em performance não é nem puramente fato e nem puramente feito. O corpo se constitui, se cria e se inventa, enquanto se performa, enquanto se expõe e nesta exposição, estabelece uma relação constituinte (BRASIL, 2014, p. 139).

Quanto ao valor do ato performático, Brasil diz que não passa pela verdade, mas pela efetividade, pela produtividade e pela eficácia. Por isso, o ato de performar é menos encenar, fantasiar um corpo ou mascarar um rosto, do que produzi-los, reinventá-los (Brasil, in PICADO, p. 139). Mas, a performatização pode enganar. André Brasil cita Viveiros de Castro, no livro *Perspectivismo e Multiculturalismo na América Latina*, para explicar porque o ato de relacionar a realidade com o imaginado pode confundir. “Nunca se pode estar certo sob qual é o ponto de vista dominante, isto é, que mundo está em vigor quando se interage com outrem” (BRASIL, 2014, p. 139). Um exemplo do que cita Brasil está no vídeo postado dia 19/09/2014 em rede social do programa *Como Será?* para anunciar a edição do dia seguinte, quando um dos assuntos era profissão de dublês no cinema. O vídeo de oito segundos mostrava a apresentadora Sandra Annemberg caindo no cenário do programa, ação que teve repercussão imediata, embora não correspondesse ao que de fato ocorreu. Segundo o jornalista Daniel Castro, (2014) muita gente acreditou que a apresentadora tinha caído de verdade, o que levou à 12 mil curtidas e 7.000 compartilhamentos no *Facebook*. A repercussão levou os gestores das redes sociais da Rede Globo a publicarem outro vídeo poucas horas depois, revelando que o tombo tinha sido de uma *dublê*. Nesta nova postagem a jornalista aparece conversando com a *dublê* conforme mostra a figura 6. A imagem da figura 5 representa a queda da *dublê*.



FIGURA 5: QUEDA DA DUBLÊ NA APRESENTAÇÃO DO *COMO SERÁ?*

FONTE: REDE GLOBO



FIGURA 6: SANDRA ANNEMBERG CONVERSA COM A DUBLÊ

FONTE: REDE GLOBO, 2014

Em se tratando de televisão, no entender de Brasil, toda reportagem, todo ato de fala e de representação imagética é uma performance. Acredita-se que na apresentação do *Como Será?* essa ação performática fica mais evidente por se tratar de uma revista eletrônica e, por isso, não há a obrigatoriedade de seguir os padrões mais rígidos estabelecidos pela linha editorial da empresa para os telejornais. Além disso, há mais espaço para cada assunto a ser performado e trabalhado esteticamente. Cada reportagem tem entre seis e oito minutos, com textos didáticos e de fácil compreensão, complementados por entrevistas e ilustrados com mapas, gráficos e variadas trilhas sonoras. Um entrevistado pode aparecer várias vezes na mesma reportagem, o que não ocorre nos telejornais diários da Rede Globo.

As encenações realizadas pela apresentadora do *Como Será?*, remetem ao que afirma Brasil (2014), de que a performance é constantemente pressionada pela necessidade de se auto superar para ampliar a capacidade de lidar com situações de maneira flexível. Para

Brasil, a performance na mídia assim como nos *reality shows*, apresenta como verdade, o que antes era exploração e imprevisibilidade. ‘Da performance ao jogo e do jogo à gestão, a imagem torna-se o lugar no qual o indivíduo administra estrategicamente o seu devir’ (BRASIL, p. 141). No caso do *Como Será?* essa performance seria uma necessidade de chamar a atenção ou conquistar a audiência pela espetacularização? Para Eduardo Duarte, professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, como fenômenos narrativos contemporâneos, têm-se em mente os pontos de bifurcação das linguagens tradicionais. De acordo com Duarte:

[...] esses pontos de bifurcação representam o momento em que as linguagens entram em colapso para que as narrativas ainda sem território bem demarcado surjam e, assim, engendrem novas realidades e, portanto, novos afetos em experiências sensíveis (Duarte, 2014, p. 59).

Sobre a atividade verbal e a preocupação em tornar o texto o mais informal para que seja compreendido por uma audiência formada por pessoas de diferentes níveis culturais, KOCH (1997, p. 26) afirma que “nenhum texto destaca de forma explícita toda a informação necessária à sua compreensão, porque há sempre elementos implícitos que precisam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade de produção do sentido”. Ainda, de acordo com a professora da Universidade de Campinas, o telespectador, leitor ou ouvinte, estabelece relações com o que o texto implica e preenche as lacunas, de várias maneiras, recorrendo ao seu conhecimento de mundo, armazenado na memória, conhecimentos relativos ao episódio, ao seu repertório cultural e aos conhecimentos comuns, entre ele e o seu interlocutor (KOCH, 1997, p. 26).

A partir das reflexões dos autores mencionados, é possível afirmar que a televisão, que vive em constante processo de busca por novos formatos e linguagens, pode confundir estilo inovador com exagero. Um exemplo foi a encenação com a *dublê* que, em vez de gerar expectativa pelo programa do dia seguinte, confundiu o público e a reação se deu através das redes sociais.

4. ESTILOS DE TEXTO

É importante discorrer também sobre os estilos de texto adotados no jornalismo de televisão. Marcondes Filho (1989) afirma que o jornalismo e o telejornalismo são parentes

muito próximos dos dramas e isso talvez explique porque alguns noticiários são produzidos como espetáculos”. O autor chega a se referir ao jornalismo como espetáculo e toma como exemplo a divulgação de protestos e passeatas, afirmando que “quando os meios de comunicação mostram os movimentos sociais reivindicatórios, o fazem como um espetáculo, um show de atrações de circo e o vendem ao grande público como acontecimento social” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 52).

Desse modo, a televisão fascina por outros meios e de maneira mais perspicaz que as demais formas de comunicação, porque introduz uma linguagem diferente, “que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele” (1989, p. 37). Ainda sobre o espetáculo produzido e mostrado pela TV, Marcondes Filho entende que a comunicação produzida industrialmente para as grandes massas “tem normalmente a função de captar suas fantasias, seus sonhos seus desejos e domesticá-los. Em vez de atender nossos desejos, só recebemos alguns indícios “e lembra que a TV proporciona a” emoção do prazer, mas não oferece o prazer”. Por isso, acredita que “a comunicação industrial nos seduz com vãs promessas, abandonando-nos sem efetivamente nada nos dar” (1989, p. 28). Mas o autor também trata a televisão como um veículo sedutor e fascinante e chega a dizer que o que é divulgado muitas vezes é muito melhor do que a realidade. “A televisão possibilita uma vida real, uma prática de emoções, de sentimentos, de alegria e de tristezas, de sensações sexuais que a vida real não mostra de forma alguma” (1988, p. 30).

“No campo dos estímulos estéticos, os signos aparecem ligados por uma necessidade que apela a hábitos enraizados na sensibilidade do receptor” A frase de Umberto ECO (1997, p.142) ilustra o discurso adotado no *Como Será?* de 27/12/2014, que teve como as festas como um dos temas. Anteriormente fizemos referência à performance adotada para contextualizar reportagens sobre de festas de 15 anos e de casamento. Outro aparato que pode ser comparado ao cenário de uma peça de teatro, é adotado para introduzir uma produção sobre festas infantis com guloseimas naturais e saudáveis. Centenas de bexigas brancas e amarelas caem sobre a jornalista, que em seguida coloca um chapeuzinho de papelão, brinca com língua de sogra e come brigadeiro. Há um fundo musical infantil e o texto é o seguinte:

[...] a gente não passa um dia nesta vida sem aprender algo. Até em festa infantil é possível aprender. Então veja só! Vamos transformar nosso cenário em uma festa infantil (Caem os balões). Sensacional! Veja só como é fácil, olha só, temos muitos balões. E olha aí, temos aqui também chapeuzinho. Vamos colocar. Fiquei bonitinha? Tem também língua de sogra (brinca). E não podia faltar brigadeiro. (Há bandejas de brigadeiros e a apresentadora pega um e diz). Esse aqui é

diferente, não tem leite condensado. Quer saber? É brigadeiro de banana. Viu, as festas também podem ser saudáveis e educativas além de divertidas. E enquanto o Alexandre Henderson vai para a festa eu fico aqui provando. Vai daí, Alexandre, que eu fico aqui, também estou na festa, hum! (Como Será? 2014).



FIGURA 7: BEXIGAS CAEM NO CENÁRIO

FONTE: REDE GLOBO (2014)

Quanto à forma de apresentação, que mistura teatro, poesia e descontração, Eco (1997) afirma que “cada ser humano vive dentro de um certo *modelo* cultural e interpreta a experiência com base num mundo de formas assuntivas que adquiriu” (ECO, 1997, p.142). Quanto ao estímulo, entende que “o uso de uma expressão para um fim determinado aproveita sempre as possibilidades comunicativas da própria expressão”. Este tipo de comunicação trabalha com sentimentos e neste sentido, o autor afirma que: “certas comunicações sugestivas em que o halo emotivo se estabelece porque o signo usado, conquanto ambíguo, é recebido ao mesmo tempo como referência exata” (ECO, 1997, p. 83). É o caso das festas, que na referência contemporânea precisam além da alegria, valorizar as tradições culturais. “O emprego estético da linguagem implica, portanto, em uso emotivo das referências e um uso referencial das emoções, pois a reação sentimental manifesta-se como realização de um campo de significados conotados” (ECO, 1997, p. 83).

CONCLUSÃO

Seguindo a ampla definição de performance de André Brasil (2014), conclui-se que o programa *Como Será?*, pode ser tomado como exemplo na busca por novos formatos televisivos, privilegiando a descontração, como estratégia para se aproximar da audiência. Também levando em conta as heranças culturais preconizadas por Raymond Williams (2011), há que se destacar a importância da cultura do teatro na formatação do *Como Será?*, como um mecanismo de representação do real. Sendo assim, as formas de apresentar os assuntos, tanto na oralidade como na representação estética, acabam unindo jornalismo ao entretenimento. Por outro lado, o horário destinado ao programa, aparentemente não é compatível com atrações que ofereçam conteúdos complexos e que levem o telespectador a fazer reflexões profundas.

REFERÊNCIAS

ANNEMBERG, Sandra. *Como Será?* Disponível em <http://redeglobo.globo.com/como-sera/>. Acesso em 04/01/2015

BAKHTIN Mikhail. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Marialva. *O Presente e o passado como processo comunicacional*. São Paulo, MATRIZES, nº 2, 2012.

_____, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

BRASIL, André. *A Performance*: entre o vivido e o imaginado. In, PICADO.

CASTRO Daniel. *Falso Tombo de Sandra Annenberg vira hit na Globo e piada na web*. Notícias na TV. Portal Uol. Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/falso-tombo-de-sandra-annenberg-vira-hit-na-web-e-piada-na-globo-4925>. Acesso em 01/01/2015.

DUARTE, Eduardo. *Um Estatuto Científico para a Experiência Sensível*. In, PICADO;

ECO, Humberto. *Obra Aberta*: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo, Editora Perspectiva, 1997.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Da Imperfeição*. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Pequenas Crises**: experiência estética nos mundos cotidianos. Disponível em: file:///D:/Downloads/GUMBRECHT_Hans_Ulrich-Pequenas%20Crises-Experiencia%20Estetica%20nos%20mundos%20cotidianos.pdf. Acesso em 24/01/2014.

HENDERSON, Alexandre. **Como Será?** 27/12/2014; Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-27122014/3862663/>. Acesso em 10/08/2015.

_____. **Como Será?** 25/10/2014. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-25102014/3725953/>. Acesso em 10/08/2015.

_____. **Como Será?** 06/12/2014. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-06122014/3818575/>. Acesso em 10/08/2015.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo, Contexto, 1997.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a Sério**. São Paulo, Editora Senac, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão, a Vida pelo Vídeo**. São Paulo, Editora Moderna, 1989.

_____, Ciro. **A Linguagem da Sedução**: a conquista das consciências pela fantasia. São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

MENDONÇA; Cardoso Filho. **Experiência Estética e Performance**. EDUFBA, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **A Cultura das Mídias**. São Paulo, Experimento, 1996.

SODRÉ Muniz. **Reiventando @ Cultura**. Rio de Janeiro, Editora Vozes. 1996.

SOUZA, José Carlos Aranchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. Summus, São Paulo. 2004.

TALON-HUGON, Carole. **A Estética**. Lisboa, Edições Texto&Grafia Lta, 2008, Portugal.

TEIXEIRA, LÚCIA. **Da Imperfeição**: um marco nos estudos semióticos. Rev. Galáxia, N.4, 2002. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1296/793>. Acesso em 10/08/2015.

WILLIAMS, Raymond. **Televisión Tecnología y Forma Cultural**. Buenos Aires, Paidós, 2011.

YARED, Maurício. **Bastidores da primeira gravação do Como Será?**, Disponível em <http://redeglobo.globo.com/como-sera/videos/t/extras/v/bastidores-da-primeira-gravacao-do-como-sera/3519842/>. Visualizado em 29/12/2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Cosac Naify, 2007.